



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A IMPRENSA CATÓLICA SEARA E A TRADIÇÃO TIMORENSE: 1949-1970

Vicente Paulino*

Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa

vlino78@yahoo.com

Introdução

Nos anos 40 do século XX, nomeadamente, na Segunda Guerra Mundial, a colónia portuguesa de Timor foi invadida pelas tropas aliadas: holandesas e australianas para evitarem a entrada dos japoneses naquele território, mas estas forças não tinham capacidade para responder aos ataques dos japoneses, tendo como resultado uma ocupação “definitiva” pelas referidas tropas até à data da sua rendição às tropas norte-americanas. Nessa terrível ocupação, segundo relatos de alguns historiadores, missionários, governadores e administradores, a maioria das infra-estruturas ficou completamente destruída, não justificando, porém, a totalidade dos timorenses mortos em defesa da Pátria Portuguesa, os quais também não tiveram reconhecimento dos senhores do 25 de Abril de 1974 que abandonaram o povo de Timor, deixando-o resistir sozinho nos primeiros momentos da invasão indonésia.

No que diz respeito à difusão dos meios de comunicação, teve início logo após a Segunda Guerra mundial, designadamente, as emissões radiofónicas emitidas em 1950 pela administração colonial. As informações difundidas em português, chinês e tétum (principais comunidades ali residentes) começaram a ter lugar no ano de 1964, altura em que se terão registado cerca de 1.229 rádio-receptores (Gonçalves, 1968:353). Apesar de somente um pequeno número de ouvintes timorenses compreender o inglês, a Emissora

* Doutorando em *Cultura e Comunicação*, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Este texto é um dos produtos do projecto “As ciências da classificação antropológica em *Timor Português*”, financiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT) de Portugal. Gostaria de agradecer à comissão organizadora do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, nomeadamente, à professora Maria de Deus Beites Manso, da Universidade de Évora (Portugal), e ao professor Angelo Adriano Faria de Assis, da Universidade Federal de Viçosa (Brasil), o convite para apresentar este trabalho, agradeço também aos funcionários da biblioteca “Sociedade de Geografia de Lisboa”, Helena Grego e José Carlos da Silva, pelo seu apoio e pela sua prontidão manifestada no atendimento.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de Radiodifusão transmitia as notícias em inglês através da captação de ondas curtas da Rádio Austrália (Dunn, 1983:40).

Pretendo, neste artigo, uma breve abordagem sobre a emergência da revista *Seara*, o primeiro periódico católico em Timor-Leste, e a forma como foi abordada a temática da tradição popular timorense. Esta questão não pode ser dissociada do processo de evangelização que decorria em Timor-Leste e no qual os fundadores de *Seara* eram parte activa de forma implícita e implicada, como analisaremos. Assim, este artigo permite contribuir simultaneamente para os estudos da Imprensa no Timor Português, praticamente omissos das pesquisas académicas (excepto Pires, 2001), ao mesmo tempo que configura como uma abordagem preambular de um tema tão pertinente quanto o estudo do jornalismo católico e tentando compreender o contexto e os motivos da sua criação, bem como o discurso noticioso inerente às propagandas missionárias na promoção da doutrina católica romana, um discurso que pressupõe uma verdade factual mas que ao mesmo tempo manipula e ordena a realidade. Por outro lado, a opção pela questão da tradição permite operacionalizar uma linha de pesquisa que tem uma contemporaneidade renovada em Timor-Leste, em função do papel que o catolicismo, enquanto religião maioritária, e a Igreja Católica desempenham na nova nação.

1. *Seara*: um jornalismo católico de Timor

No início dos anos 40, futuro primeiro bispo da Diocese de Díli, D. Jaime Garcia Goulart, e os seus colaboradores estavam ansiosos por criar um boletim próprio. No entanto, a iniciativa não foi concretizada por causa da Segunda Guerra Mundial (1942-1945). Só em 1948 foi possível reunir os elementos necessários para que fosse desenvolvido o boletim, cujo primeiro número surge, como referido no seu Editorial, “modestamente” em Janeiro de 1949. O mesmo Editorial afirma: “não resta dúvida de que era esta a altura de aparecer o órgão oficial da Diocese” (*Seara*, 1949, ano 1, nº1:10).

Surgiu assim, a imprensa católica chamada revista *Seara* na colónia portuguesa de Timor. Esta revista foi classificada como “meio” para fazer cobertura ao “isolamento dos missionários que estavam espalhados pelo interior da ilha de Timor”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(Pires, 2001:142). Esta revista católica ficou conhecida pelos missionários, agentes coloniais e timorenses letrados e não letrados ou ouvintes, conseqüentemente, terá sido a primeira imprensa católica em Timor. Posteriormente, a revista/jornal *Seara* ficou à guarda da Sociedade de Geografia de Lisboa; alguns números ficaram à guarda da Hemeroteca de Lisboa, Espaço por Timor e Biblioteca Nacional de Lisboa, embora nunca tivesse sido estudado e analisado por investigadores da área de Ciências da Comunicação ou jornalismo.

Produto de uma determinada época e de um determinado espaço, a *Seara* é hoje, de acordo com alguns padres timorenses e alguns fiéis – nomeadamente aqueles que têm profunda ligação com os missionários europeus –, como um dos mais preciosos testemunhos simbólicos das missões católicas de Timor, mas muitos dos textos publicados nesta revista, do meu ponto de vista, apresentam-se de forma um tanto contrastiva e negativa a respeito das crenças e tradições timorenses.

Para além de imediatismo dos textos publicados que são a propaganda missionária e de identificação de crenças e tradições timorenses em tempos recuados e ainda hoje existentes, a narrativa presente nos textos publicados pelos missionários e seus colaboradores pode fornecer-nos valiosas informações, não só sobre as missões católicas em Timor, mas também sobre o próprio olhar missionário colonial de então.

1.1 Os objectivos na perspectiva editorial e a vida da publicação

Como já foi aludido que desde a sua criação, *Seara* foi sempre uma revista ou jornal católico e missionário, como argumenta Paulo Pires (2001), as suas páginas estavam abertas à partilha das experiências pastorais dos missionários, encaixando-se ainda alguns assuntos de natureza antropológica, área que os missionários gostavam desenvolver de uma forma afectiva junto da população não cristã.

Na primeira edição do ano 1 de 1949, o director do periódico *Seara*, Padre Ezequiel Enes Pascoal, apelou ao potencial público-alvo, inclusivamente os indivíduos letrados e não letrados, “ouvintes” timorenses e não timorenses, para os objectivos da nova publicação:

“sem outra aspiração ou outro intuito que não seja o de cooperar, dentro do seu âmbito, na obra civilizadora em que está empenhada a Diocese de Díli



que, por ter sido elevada a tal categoria, se pode considerar como a projecção ampliada de quatro séculos de evangelização, ou seja, dum trabalho persistente e generoso em prol do indígena, fazendo chegar até ele os frutos da Redenção e todos os mais benéficos que dela irradiam” (*Seara*, 1949, ano 1, nº1:11).

No estudo da imprensa católica em Timor relativo a este período (1949-1973), ressalta um acontecimento que provocaria mudanças significativas na propaganda missionária nesta terra do Extremo Oriente, nomeadamente a sua orientação editorial, doutrinação e evangelização, que são, sem dúvida, segundo a orientação dada pela directiva do Concílio Vaticano II emanada no decreto *Inter Mirífica*, parágrafo 14:

Há que fomentar, antes de mais, as publicações honestas. Ora bem, para imbuir plenamente de espírito cristão dos leitores, deve criar-se e difundir-se uma imprensa genuinamente católica – quer da parte da própria hierarquia católica, quer promovida por homens católicos e dependentes deles – editada com a intenção de formar, afirmar e promover uma opinião pública em consonância com *o direito natura* e com as doutrinas e preceitos católicos, ao mesmo tempo que divulga e desenvolve adequadamente os acontecimentos relacionados com a vida da Igreja. Devem advertir-se os fiéis da necessidade de ler e difundir a imprensa católica para conseguir um critério cristão sobre todos os acontecimentos. (*Seara*, 1966, ano 1, nº 1:6).

Neste contexto, para a publicação de notícias, os jornais católicos dependiam dos seus critérios cristãos sobre todos os acontecimentos, a partir de documentos, cartas e comunicados oficiais dos doutores da igreja, papas, bispos e padres. Parte desse, importa dizer que a revista/jornal *Seara* tem sido o mensageiro das notícias a todo o mundo onde residem os seus leitores/assinantes católicos. Observa-se que na *Seara*, toda a construção textual da notícia era baseada nas narrativas bíblicas e na execução dos trabalhos missionários. A este propósito, diz o director da *Seara*, Pe. Ezequiel Enes Pascoal, o jornalismo católico é:

[...] essencialmente missionário, assim que a *Seara* também terá de ser uma revista de carácter missionário, relato de tudo quanto se vai fazendo, de lés a lés da ilha, na árdua mas divina tarefa de converter almas, de as ir transformando, elevando-as, chamando-as até nós, amoldando-as a uma nova concepção da vida, numa palavra, civilizando-as cristãmente no catecúmeno, na escola, na igreja. (*Seara*, 1949, Ano 1-nº1, p.11).

Estes objectivos têm que ser compreendidos pelo facto de, até à data da invasão indonésia em 1975, o número de cristãos timorenses ser diminuto, como refere Gunn (1999:40), “Ao longo de 450 anos até a data de 1975, o nível de percentagem do catolicismo nunca aumentou mais de 15 a 20 por cento da população”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Os primeiros números do periódico tiveram tiragens de 500 exemplares, impressos na “Imprensa Nacional de Timor”, em Díli. Entre Janeiro e Outubro de 1949, a sua periodicidade era mensal, mas o último número daquele ano foi bimensal. Esta situação persistiu até 1955, altura em que, na edição do ano 7, o editorial anunciou que a publicação passava a ser quadrimestral. Aos problemas decorrentes das dificuldades técnicas de edição, que estavam a cargo da Imprensa Nacional da Tipografia da Diocese, é reconhecido no ano 8, nº1 de 1956 a sobrecarga de trabalho decorrente de outros tipos de serviço pastoral. A promessa de retomar a publicação bimensal é feita em Editorial da edição do ano 8, nº 2 de 1956.

Nesta primeira fase, o periódico *Seara* durou até 1964; em 1965 foi encerrada por falta de material de impressão. Em 1966, por altura das Bodas de Prata de Diocese, o Senhor Bispo D. Jaime Goulart realçou a importância da *Seara* e reafirmou que “já chega a hora para reviver este Boletim Eclesiástico, que é muito importante para a Diocese” (*Seara*, 1966, ano 1). Foi no mesmo ano que parece ter surgido uma nova viabilidade para a revista: a sua edição no formato de jornal. Daí, explica Pe. Áureo José da Costa Gusmão: “A SEARA, não só circulava nas casas dos Padres e missionários, mas circulava também nas casas dos intelectuais em Timor e Ultramar”, e mais adianta que “o esforço e sacrifício do Pe. director [Jorge Barros Duarte] fizeram sua edição até meados 1964, e no meio daquele ano parou a sua edição” (Costa-Gusmão, 1999:32).

Nas suas primeiras duas décadas, o periódico *Seara* desempenhou um papel e um propósito claro, institucional, limitando as referências aos acontecimentos locais de índole política (como é exemplo a omissão da Revolta de Viqueque). O processo de evangelização era a sua maior preocupação, sendo o apoio às actividades dos missionários essencial para congregar os convertidos, do qual fazia parte como forma de ascensão social, perante uma população maioritariamente animista.

Apesar das limitações decorrentes do controle estatal, nomeadamente da censura, o movimento nacionalista timorense utilizou o jornal, de 1970 em diante, como veículo de divulgação do pensamento político, designadamente através de artigos de opinião, comentários e análises sociais que continham já críticas à colonização portuguesa. Muitos colaboradores timorenses ficaram conhecidos após 1964: Nicolau Lobato, José Ramos Horta, Francisco Xavier do Amaral, Francisco Borja da Costa e Mari Alkatiri (então dirigentes da futura Frente Revolucionária de Timor-Leste



Independente – FRETILIN); Manuel Carrascalão, Domingos de Oliveira (então dirigentes da União Democrata Timorense – UDT). Todavia, por ordem do governador colonial, o centro da publicação deste jornal foi fechado por agentes da *Policia Internacional em Defesa do Estado* (PIDE) a 10 de fevereiro de 1973 (Jolliffe, 1978:56-57; Gunn, 1999:293).

2. Timor foi uma terra lusitana e cristã

No início do pós II Guerra Mundial, discutia-se entre os missionários quais as melhores maneiras de se expandir a sua grande missão no território de Timor, com a criação de mais escolas católicas para intensificar a evangelização e incrementar a cristandade, pois a educação foi a base de incremento da cristandade em Timor, à semelhança do que tinha ocorrido após a “pacificação” e ocupação forçada pelo governador José Celestino da Silva e seus respectivos aliados, em 1912. Todavia, dezoito anos de intensa actividade missionária, ou seja, desde 1924 a 1942, as estruturas religiosas e circularidades culturais no império português de Timor, não deixaram decerto de pesar na mente de todos os missionários que se esforçaram tanto a converter quantas almas timorenses ao cristianismo.

Essa intensa actividade missionária, segundo Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1949, ano 1, nº2:30), foi interrompida pela guerra, mas sob a mesma orientação de trabalho realizado, como um magnífico estímulo para prosseguir a cruzada civilizadora em que as missões andavam empenhadas, a fim de vê-la coroada com bons e consoladores resultados, e mais adianta que “Se não tivesse sido destruído o arquivo das missões, melhor do que todas as palavras, falariam números exactos tirados dos mapas estatísticos desse período *sobre os timorenses convertidos ao cristianismo, que mais tarde afirmaram a sua identidade cultural e religiosa como povo cristão assimilado e lusitano*” (Pascoal, 1949, ano 1, nº 2:31 – sublinhado meu), mas na realidade, todo o discurso de eurocentrismo e egocentrismo dos missionários foi um sonho menos realizado ou adiado, pois esses missionários na sua missão evangelizadora encontraram alguns obstáculos que implicaram a sua verdadeira acção missionária em Timor (Pascoal 1954, ano 6, nº 5); além disso, os timorenses convertidos ao cristianismo eram de nome, embora nem sempre.



Em *Inundações Misteriosas* (Seara 1949, ano 1, nº 5:114), Pe. Ezequiel Enes Pascoal, concluiu a narrativa do sugestivo título, contada por Mau-Luís que, “Hoje sobre Fatucama já não ardem fogueiras mas sobre Ataúro e Balibar desponta um clarão que não se apaga – a mensagem evangélica – e chama os povos duma e doutra para comparecerem transfigurados, por novos caminhos, e servirem, erguidos ao mesmo nível, o Supremo Rei”. Mais uma vez, em minha opinião, esta narrativa referia-se à conversão do reino de Motael ao cristianismo, tendo este sido fundador do português criouliizado, conhecido por *tétum praça*, ou *tétum bidau*.

Importa recordar o breve discurso jornalístico de um jornalista mexicano Fernando Medina Ruiz, publicado no editorial *Seara* (edição de 1967, ano 2, nº54), que no seu jornal *El Sol de México* (edição de 1967), identificou “Timor [como sendo um] farol cristão na imensidade do arquipélago malaio, é a mais remota província lusitana”, e mais adianta que “Com a conquista de Malaca, em 15 de Agosto de 1511, abriram-se aos portugueses as ilhas das especiarias e de Timor, de onde provinha o sândalo, tão apreciado no Oriente e em todo o Mundo”, o jornalista finaliza o seu discurso jornalístico com as expressões elogiadoras ao processo de missionação portuguesa na terra de Timor: “hoje, Timor prossegue o seu silencioso e fecundo trabalho de todos os dias e, mais do que nunca, é terra lusitana e cristã” (*Seara*, 1967, ano 2, nº54:1). A este propósito, devo recorrer o discurso do Pe. Ezequiel Enes Pascoal, sobre o passado histórico dos missionários que passavam *Por Terras de Mena*, tendo estas sido o primeiro reino a converter-se ao cristianismo:

[O reino de] Mena passara a ser o ponto de irradiação missionária e a base de apoio material à grandiosa obra moral que ia tomando vulto, num crescendo acelerado e entusiasta, não só da parte dos evangelizadores mas também da dos evangelizados. Iam-se rasgando nas almas, como nas florestas, sulcos de luz, cada vez mais fundos, tão fundos que, passados quatro séculos, ainda não se extinguiram, para glória de Portugal missionário (*Seara*, 1949, ano 1, nº7:151)

Pode relacionar-se também a passagem histórica dos missionários *Por Terras de Mena*, com a *História verdadeira de Timor: conversão do rei* (*Seara* 1966, ano 1, nº 34), da autoria do irmão leigo, José Ribeiro, em que se descreve a história do rei de Tchauluturo, seu neto Petro e o seu povo. A história de portugalidade e da identidade cristã na terra de Timor foi – quase por completo – abordado por Manuel Ferreira, nos



seus preciosos artigos, intitulados: *Uma Página de história* (*Seara*, 1954, ano 6, nº1) e *Vultos de Timor – um português dos melhores* (edição da *Seara* de 1954 e 1955).

3. A tradição e crença timorenses

As lendas e tradições timorenses editadas e/ou publicadas na revista *Seara*, numa acepção mais geral, podem ser tanto escritas quanto orais, apesar de habitualmente, senão sempre, elas devem ter sido antes orais na origem. Na actualidade, a parte escrita e a parte oral formam, em qualquer lugar, dois ramos complementares de uma mesma tradição, seja ela religiosa ou não, apesar de a revista/jornal *Seara* não ter espaço suficiente para colocar algumas descrições sobre as lendas e tradições, ou por outras palavras, sobre a ilha e a gente de Timor. Entretanto, no editorial da *Seara* do ano 1, nº 1 de 1949, o padre director Ezequiel Enes Pascoal, destacou que:

Por consequência, nas páginas da *Seara*, na medida em que for possível colher elementos que, infelizmente, escasseiam, haverá uma secção de história local. Na mesma ordem de ideias, não podia deixar de lhe merecer especial interesse o vasto, pouco explorado e sempre interessante ao campo do folclore – crenças, tradição, lendas, usos – tão impregnante de estranha religiosidade que nos permite ver a alma destes povos tão simples e tão complexa, tão diferente da nossa, mas, em última análise, a braços com as mesmas eternas aspirações humanas, em presença das mesmas interrogações perturbadoras, em luta com os mesmos imponderáveis inimigos, perplexa arte o acervo de problemas que com maior ou menor acuidade, sempre preocupou a humanidade, onde quer que fosse, e a que só o Evangelho responde cabalmente. (*Seara*, 1949, ano 1, nº 1:11).

Num sentido idêntico, o director do periódico *Seara*, Pe. Ezequiel Enes Pascoal, chama a atenção para a existência de lendas sobre os fundadores dos reinos autóctones. A mais conhecida é a lenda da ilha, a que o autor deu o título: “O primeiro habitante de Timor” (Pascoal, 1950, ano 2, nº1 e 2), justificando também que a mitologia timorense documenta não apenas as origens da terra, os antepassados e seus descendentes, mas também as suas divisões políticas. Contudo, a relação das tradições com o génesis e a sua ubiquidade com a figura de “Deus” são pertinentes. Veja-se o conto “De Mano-Cóco ao Génesis”.

[...] no princípio era tudo mar. Só existia o sumo do Mânu-Cóco. Nele apareceu um gondão. Uma tonina comeu-lhe os frutos. Uma vez geridos, iam-se mudando em terra, diante da qual o mar baixava, deixando em seco maior extensão habitável. A Tonina comeu, a seguir, as folhas e os ramos do



gondão e transformou-se em suíno. Veio Deus e disse-lhe. Plantei aqui um gondão. Dava sombra. Quem o fez desaparecer? [...] Enquanto Deus foi ao céu buscar o fogo para o assar, ele transformou-se em mulher. Deus voltou e perguntou-lhe: onde está o porco? A mulher respondeu: Eu é que era o porco. Deus mandou-lhe [que] ficasse na terra. Passados cinco dias, ela deu à luz dois filhos [e deu-lhes os nomes de] Bui e Mau. Deus deu-lhes fogo e uma força cujo calor e brilho foram secando o mar (Pascoal, 1949, ano 1, nº 2).

Porém, acerca da narrativa acima referida, o Pe. Ezequiel Enes Pascoal (compilador dessa mesma narrativa) duvidou muito sobre aquilo que o narrador Keti-Roma lhe contou e, simultaneamente, afirmou Pascoal que, toda a história da criação do mundo e do dilúvio foi inventada pelos timorenses, como revela a narrativa da *Curiosa Lenda*, publicada na *Seara* (edição de 1950, ano 2, nº 3e4) sobre a história do primeiro sacerdote europeu que pisou a terra dos timorenses, a que Ezequiel Enes Pascoal considerou, “mais uma vez imaginação timorense, rica como o húmus ubérrimo dos seus vales e montes – cenário maravilhoso dos seus devaneios – nos mimoseia com uma encantadora lenda” (*Seara*, 1950, ano 2, nº 3e4:1).

Para os missionários daquele tempo, toda a história oral sobre a existência do mundo narrada pelos *lia-na'in* timorenses – como já disse – não tem prova suficiente ou equiparável à história da criação do mundo e do homem relatado nos livros judaicos e cristãos. Era, a meu ver, uma autêntica ideia ingénuas que desvalorizou a existência histórica e cultural de um povo que não pertencia à civilização cristã. Se todos os mitos ou lendas timorenses foram classificados como produto de imaginação dos timorenses, logo, os mitos de origem do mundo e do homem da religião judaica e cristã também são de imaginação dos antigos homens desse mesmo povo. Para não desvalorizar a cultura de um ou mais povos, devo dizer que não existe uma cultura superior a outra, embora o percurso para o conhecimento técnico produtivo e escrito não estava, de igual modo, sob o mesmo olhar e a mesma tendência transformadora para o progresso de vida colectiva.

Porém, os homens cultos e religiosos missionários da época da colonização e do imperialismo continuaram louvar a sua convicção, dizendo que as culturas dos povos não cristãos eram bárbaras, selvagens e, no caso de Timor, o Pe. Abílio Fernandes, na sua obra *Missões de Timor* (1931), considerava o povo de Timor como “leviano, pueril e inconstante (...) embrutecido [e] profundamente imoral, sem ter qualquer religião propriamente dita, a não ser o terror dos espíritos, aos quais inclusive imolava vítimas humanas” (apud Barros, 1987:64). É óbvio que as afirmações do Pe. Abílio Fernandes,



é eivada pela visão de um missionário colonizador arrogante e, por falta de sua preparação cultural e mental humanística julgou a civilização timorense como inferior à da europeia. Este padre missionário não sabia imaginar mais para além da sua fé que Deus tivesse criado seres humanos tão ‘selvagens’, uma ideia que permitia reconhecer os primitivos dos seres humanos como os demais. É portanto, Taylor no seu pensamento não é assim, pois para ele “todos os seres humanos como seres de cultura de parte inteira, e a contribuição de cada povo para o progresso da cultura revela-se digna de apreço” (apud Cuche 2004:43).

Contudo, em relação à narrativa da lenda de “Mano-Cóco ao Génesis” referida anteriormente, Pe. Ezequiel Enes Pascoal (1949, ano 1, nº 2:34) colocou as seguintes interrogações:

Haverá reminiscência da primeira páginas do Génesis na narração desconexo feita por homens numa ilha praticamente isolada da civilização há muitas centenas, talvez milhares de anos? Servirá ela para mais firmar a autenticidade do dilúvio universal, esse de que nos fala o mesmo Génesis, esse de que falam as tradições dos mais antigos povos históricos e a que não se opõe a ciência? Será simplesmente a lembrança diluída, esfumada, lendária, dum acontecimento positivamente certo – pavorosas convulsões vulcânicas que ergueram acima das ondas esta ilha em cujo topo há vestígios incontestáveis de ter sido, um dia, o fundo do oceano? Espero que geólogos e hermeneutas venham responder a estas perguntas. Eu contento-me em formulá-las depois de ter lido estes fragmentos quase indecifráveis dum capítulo da história humana na memória de Keti-Roma como num velho pergaminho perdido em desconhecida biblioteca.

Claro que as interrogações do Pe. Ezequiel Enes Pascoal, não lhe dariam respostas porque não acreditou “totalmente” nas histórias orais transmitidas pelos sábios timorenses, e ao mesmo tempo – penso eu – ele não sabia decifrar os códigos de representação simbólica e filosóficas dos timorenses. Com a sua obsessão egocentrista pelo rigor da análise lógica e dos múltiplos usos da linguagem, pela delimitação do cognoscível ou não, depressa se aprestarão a destruir a ideia da razão de outro povo que tem profunda semelhança com a ideia da razão narrada no Génesis do povo judaico e cristão. As interrogações do Pe. Ezequiel Enes Pascoal eram, do meu ponto de vista, denunciar a verdade histórica e crença do povo de Ataúro e Timor em geral, no sentido de glorificar a religião europeia expansionista, dita cristã. Mas, era uma voz de seu tempo, um arauto de uma certa Europa já desaparecida, forte ainda então no seu imperialismo colonizador, confiante ainda no seu papel de dominadora do mundo, antes do colapso da era moderna e das hecatombes do século XX.



3.1. A invenção da alma timorense

O Pe. Jorge Barros foi um dos mais profícuos colaboradores da *Seara*. No número 1, ano 10 de 1958, publicou um artigo cujo título, *Alma timorense*, pretendia antever uma manifestação descritiva da alma deste povo, as características dos povos de Timor que, de acordo com o autor, não tinham ainda “sido absorvidas por uma evolução que se vem processando desde há quatro séculos em contacto com o povo civilizador” (Barros, 1958:96), preservando assim as suas línguas, os seus costumes e a sua mitologia.

A observação deste sacerdote é muito clara quanto à abordagem de uma ideia de identidade e de uma tradição própria aos vários povos de Timor, onde o autor encontra uma ideia de vivência colectiva, à qual chama de *alma timorense*. É a alma de um povo que estabeleceu o contacto com o povo europeu (nomeadamente os portugueses) e do que redundou esse mínimo denominador comum sustentado pela vivência com o “povo civilizador”.

Um dos atributos da alma timorense é a canção guerreira. Um timorense para ser forte e heróico tem que cantar a sua canção guerreira, narrando e fixando os actos cometidos, submetendo-os nos versos poéticos, como se vê nestes versos recolhidos por Pe. Jorge Barros (1958:97):

Hau' ca'ac: he! Cona au-láran.	: Pelo bambual, te dizia eu.
Ó ma'ac :he ! cona fuca-láran.	: Pelas 'fucas', me opunhas tu...
Há'u la'ac: 'curaco'!...	: Clamaei: 'Curaco'!....
Curaco mônu tan!,...Curaco!...	: E tombou Curaco! ... Curaco!...
U...U..., tálin,	: Ai ! Ai! A corda!...
Tálin dodéroc,	: Fio traiçoeiro,
Dodéroc namate	: Presa de engano fatal, evolou-se...
Fúlan rua ona !...	: vão já dois meses!

Esta narrativa poética é, segundo o autor, uma estrutura lírica de estilo saudosista, a que o timorense se sente muito propenso. O lirismo é, portanto, um género ou uma qualidade da poesia que pode coexistir, numa emoção ou uma inteligência complexas da realidade vivida por grupos sociais. As expressões filosóficas e poéticas tradicionais são, portanto, recitadas pelas autoridades rituais em eventos formais, os quais: a cerimónia do casamento, a inauguração da casa ou casa sagrada, a *hamulak*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

(recitar ou rezar) em conjunto dos ritos de guerra. A preparação para a guerra é também plena de cantos guerreiros que incentivam à vitória.

Bandera ida rai-quiac ona!...	: Ruiu um potentado!
Baba lian! Leu-Laco!...	: Rufam tambores ! Leu-Laco !...
Rai-quiac ona!....	: Ruiu o potentado!...
Cablaqui taruto !	: Troa o Cablaque!...
Rona è lae ?	: porventura não ouves?!...
Rona, rona,	: Ouvi, ouvi,
Canona	: Veteranos guerreiros
Catais	: De cartucheira
Fátin!...	: À cintura!...

A acompanhar esse verso, temos duas questões que lhe estão associadas: a tradição (acção dos guerreiros) e o espaço (o monte Cablaqui – o lugar de resistência dos timorenses). No verso aludido, encontra-se, portanto, a ideia de “guerra”; a visão de guerra, então, transfere-se para a esfera do íntimo, para a luta com o espírito patriótico e, em particular para a posição que existe entre uma resistência convencional de heroísmo de um povo, e apelo místico dos sentidos: “Cablaqui tarutu/ Rona è lae/Rona rona/Canona – Troa o Cablaqui/Porventura não ouves/Ouvi, ouvi/Veteranos guerreiros”. As expressões referidas são, portanto, como uma representação metafórica de subtis combinações entre o primeiro e segundo verso que têm uma variação de ritmo estrutural e de natureza expressiva.

A canção guerreira timorense mais conhecida é o *lorsá* que o Pe. Jorge Barros, no seu artigo *Lorsán*, publicou no periódico *Seara* (ano 15, nº. 2 de 1963). Segundo o *Dicionário Tétum-Português* do Pe. Manuel Mendes Laranjeiras e Manuel Patrício Mendes, o loro-sáan ou loro-sáa é um: “Canto guerreiro que os indígenas entoam quando cortam a cabeça a um inimigo e nos estilos gentílicos que, acaba a guerra, costumam fazer em volta das cabeças nela cortadas; também o costumavam entoar em volta do ladrão apanhado em flagrante, antes de o decapitarem (Barros, 1963: 47).

Na base desta definição, o Pe. Jorge Barros redefine o *lorsá*, por conseguinte, *canto* e, por extensão, dança com que se efectuava a decapitação de um ladrão ou se celebrava a vitória favorável de uma luta. Numa perspectiva linguística, Jorge Barros define o termo *lorsá* ou *lorsán* em duas palavras (de loro + sal, saun). O termo é empregado pelos povos da língua tétum, embora o seu modo de expressão é mais para os povos falantes da língua mambae, que de algum modo, preferentemente denominado por *lorsá*. Para a população da zona Fatuluco, este termo é conhecido pelas suas acções



apelativas de “vauré”, e por “semai” na região de Lautém, expressão antonomástica do género destacado por Pe. José Rodrigues (1967):

Celoró maiá	: cantai forte, cantai
Ceroló, roto roto	: que os miolos já fervem
Ceroló maiá	: cantai forte, cantai
Ia cátu mau ere	: vinde, valentes!
Halu iotchava	: vem tu, ó Senhor!
Ia cátu mau ere	: vinde, valentes!
Néru mau ere	: Trazei o açafari (das cabeças)

O Pe. Jorge Barros refere que os heróis timorenses, quando cantam o *lorsán*, começam a movimentar-se e seus gestos e o movimento do corpo traduzem, ao vivo, a intensidade e extensão do “pathos colectivo” (Barros, 1963:48) e “todo o homem que vai para a guerra é um herói” e dê-lho o título “aço-ua’in” (Barros, 1963:49). O enaltecimento do próprio valor e causa exuberante, em qualquer das versões do “lorsá” (ver Santos, 1967:63 segs), sobretudo a maneira como se trata o relacionamento entre o vencedor e o vencido, como se lê nestes versos:

Loro mane nacsán iha ami leten, Natutu iha ami úlun; Loro fetu tur tan imi, Monu tan imi. Ne’e duni loron ida ôhin, uain ida ôhin, Ami fera imi rain, Têri imi ulun ; Ulun monu ba rai, Tetec ih arai, Lian laec ona, Lian cõtu ona” (Sobre nós raiou o sol-homem, Brilhou sobre nossas cabeças; Em vós poisou o sol-mulher, Sobre vós tombou. Por isso, neste dia, nesta data, Devastamos vossas terras, Decepamos vossas cabeças; Cabeças caídas na arena, Amontoadas no chão; Já silenciosas, Já emudecidas) (Barros, 1963, ano 15, nº. 2:50-51).

Este é um dos retratos da “alma timorense” dos séculos passados, séculos antes e durante a presença portuguesa em Timor¹. Contudo, a ficção timorense, fixada nas narrativas e lendas de transmissão oral, recolhidas e publicadas pelos missionários na revista/jornal *Seara*, a meu ver, é um elemento essencial para o estudo das raízes do nacionalismo – desde a guerra dos reinos contra a presença portuguesa – e da formação da identidade cultural e nacional timorense, tendo em conta também o outro elemento mitológico chamado “contos mestiços”, por exemplo, “Vultos de Timor – um português dos melhores” da autoria de Manuel Ferreira, publicado no periódico *Seara* do ano 6, nº 5 e 6 de 1954 e do ano 7, nº1,2 e 3 de 1955; “Amo-Deus Coronel Santo António”, da autoria do Pe. Ezequiel Enes Pascoal, publicado no mesmo periódico do ano 1,

¹ Não deixa de ser interessante a omissão de qualquer referência às guerras de pacificação de Timor Português e à autorização das entidades portuguesas para prática pelos seus aliados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

nº6,7,9,11 e 12 de 1949 e do ano 2, nº 5e 6 de 1950; “Chico-Tó”, publicado no ano 6, nº4 de *Seara* de 1954. Por que é que estes contos são considerados como “contos mestiços”? Segundo Pe. Ezequiel Enes Pascoal:

“não se pode dizer o mesmo a respeito de bastantes contos que se narram nesta ilha [de Timor]. Nesses é evidente a presença de elementos portugueses. Elementos ideológicos e, sobretudo, linguísticos, tais como, príncipe, princesa, torre, gigante e outros. Os termos como ‘príncipe e princesa’ são usados pelos contadores timorenses, porque talvez por serem mais expressivos e não porque não haja em tétum e nos outros dialectos nativos palavras equivalentes que traduzam absolutamente a mesma ideia. [...] Em qualquer dos casos, realizou-se um processo mais ou menos lento e notável de assimilação mútua. À substância nativa ou portuguesa juntou-se – como diz Gilberto Freire, ainda que noutra sentido – o tempero genuinamente português ou genuinamente nativo” (Pascoal, 1967:28).

Tal definição manifesta uma fusão de termos e de ideias que, do ponto de vista antropológico, é uma espécie de miscigenação cultural. Aparecem assim, os “contos mestiços”, embora não sejam ainda conhecidos com esta designação. Os “contos mestiços” marcam, de algum modo, a convivência colectiva entre portugueses e timorenses e a construção de uma relação comum.

3.2. Costumes e ritos do barlaque timorenses

O processo da globalização ainda não conseguiu homogeneizar a forma de “ser” e de “estar” dos timorenses com a de outros povos. Isso devia ter origem nas suas tradições e múltiplas identidades linguísticas. É impressionante observar que, em distâncias mínimas, há características culturais acentuadas e muito originais, como podemos destacar em alguns casos: rituais de nascimento e apresentação do bebé; rituais de casamento (*habani*, *bua-malus* ou *barlaque*, e até a separação dos casais (divórcio). O que diz respeito a estes elementos pode ler-se no artigo de Manuel Ferreira, *Tutuala: apontamentos etnográficos* (*Seara* 1951, ano 3, nº 5,6) e *Díli: apontamentos etnográficos* (*Seara*, 1953, ano 5, nº 4,5). A esta última, dizia Manuel Ferreira que em Díli, na tradição de corte do cabelo, “os pais deixam farripas na testa dos filhos, que só são rapadas quando o barlaque se encontre integralmente pago ou o pai tiver dado, como oferta, um búfalo ao irmão da mãe da criança, ou o dinheiro correspondente”, e mais adianta o autor que, para alguns timorenses, há uma crença inviolável designadamente, os *tabus* de alimentação, pois “Há indivíduos que não comem peixe



porque se o fizerem morrem. Dizem que os avós eram peixes também. Só autorizam as filhas a comer peixe, depois do *barlaque*, mas aos filhos é que nunca tal permitem” (Ferreira, 1953, ano 5, nº 4:213). A respeito desta crendice mitológica e histórica, leia a *Lenda das Irmãs Cetáceas*, transcrita pelo Pe. Jorge Barros e publicada na edição da *Seara* do ano 7, nº 227 de 1972.

De um modo geral, o leitor pode consultar o artigo do Pe. Jorge Barros Duarte, intitulado “Barlaque” (*Seara* 1964, ano 2, nº 3-4) onde se aborda, fundamentalmente, a questão *fetosá e umane* da população falante de tétum, nomeadamente do reino de Samoro (actual Soibada) e, veja-se também o artigo do Pe. José Quintão, sob o título: *Tentativas de adaptações: o Casamento Nativo*², em que o autor põe em relevo a questão do barlaque, mais uma vez, a questão de *fetosá umane* do povo falante de tétum, mambae, incluindo o ritual do casamento *pana gobol* do povo falante de bunak, da região de Bobonaro.

No casamento de sistema de barlaque, há um conceito chamado “vítima do barlaque”, de que derivam relações desiguais de poder entre os recém-casados ou casais que já vivem juntos há muito tempo. Segundo a tradição timorense, os timorenses, na maioria dos casos, dizem que o pagamento do barlaque estabelece uma rede de protecção à esposa e a manutenção dos valores familiares herdados dos seus antepassados. Mas, em alguns casos, há um lapso ou desentendimento entre os casais e isso pode – em maior ou menor grau – favorecer a ideia de vitimização. A vítima do barlaque pode vir a ser o noivo ou a noiva. A este propósito, o Pe. Ezequiel Enes Pascoal, escreveu um artigo intitulado: *Uma vítima do barlaque*, e publicou-o na *Seara*³. No fim desse mesmo artigo, o leitor pode perceber exactamente o conceito de vitimização na prática do barlaque. Eis a narrativa:

Soube-se, nesse mesmo dia, que Coli-Mau fora preso por uns ‘moradores’. Tendo-se recusado a parar, uma flecha atravessou-lhe uma coxa. Uma pedrada fracturou-lhe várias costelas. Cevaram nele, abusiva e irresponsavelmente, o ódio que o seu crime provocara, depois de o terem forçado a confessá-lo. Enquanto ia crescendo e alastrando por toda a parte, nesse lutuoso domingo, a onda de aversão ao rancoroso bandido e à sua nefanda vingança, os sinos continuavam a chorar, em arrasta plangência, mais uma vítima do *barlaque* (*Seara*, 1953, ano 5, nº 3:172).

² Edição da *Seara* de 1971 (ano 6, 4ª série, nº 213, 214) e edição da *Seara* de 1972 (ano 7, nº 216, 217, 218, 219, 220, 224, 226, 227, 282, 229, 230)

³ Edição de 1951 (ano 3, nº 2), edição de 1952 (ano 4, nº 4, 5, 6) e edição de 1953 (ano 5, nº 1, 2, 3).



A existência de “vítima do barlaque” acontece em toda a parte da região do território de Timor, por exemplo, em Tutuala, um jovem casado tem um filho barlaqueado, que morre e se não tem outro filho que possa casar com a nora, então esta pode casar-se com o sogro. Se a nora não aceita – o que é o mais comum – é devolver o *barlaque* e retirar-se para a família. Se a mulher comete adultério, o culpado entrega ao marido dois pares de brincos em ouro ou cordão de mutiçala, para que o ofendido possa continuar a viver com a mulher (Ferreira, 1951, ano 3, nº 5:216). É uma prática costumeira muito comum na sociedade timorense que a punição se dê mediante compensações materiais às vítimas, logo, tais vítimas podem voltar a viver com a sua família de origem.

Para que isso não aconteça, os casais barlaqueados terão de compreender a essência de união “de facto”, no compromisso declarado, e não pode deixar de ser bela, sedutora e fascinante a união, evitando desta forma a possibilidade de poligamia. A propósito desta questão, Ezequiel Enes Pascoal publica na *Seara* um artigo, intitulado *Página Missiológica: A Poligamia* (*Seara*, 1954, ano 6, nº 3). E, Nicolau Lobato, por sua vez, em *A propósito de união* escreve “E que dinamismo equilibrado e promissor imprimem numa família os laços de uma colaboração e de uma harmonia perfeitas! É disso que precisamos nas relações entre os membros da grande família, a sociedade” (*Seara*, 1966, ano 1, nº 3:8). Nicolau Lobato, disse isso, porque estava preocupado com a situação do amor conjugal celebrado entre timorenses, que por vezes, não cumprem a regra de união “de facto”. Por isso, ele evoca a linguagem de amor-paixão numa perspectiva religiosa: “A vossa religião é a religião de amor”, dando sentido à definição do evangelista São João, “Deus é o Amor”.

Reflexão final

Como tivemos a oportunidade de explicar noutra contexto (Paulino 2009:30), o periódico *Seara* afirmou-se como um periódico católico de larga difusão e influência junto ao universo dos leitores timorenses letrados, igualmente, dos não letrados, através da reprodução oral do seu conteúdo. O objectivo editorial de *Seara* foi dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelos padres, missionários no território e difundir a cultura religiosa; ao mesmo tempo, propunha-se a ser um veículo de difusão cultural, tanto da



cultura portuguesa como da timorense. Tornou-se, ao longo dos anos, um meio de divulgação de informação, formação, e entretenimento das elites timorenses.

À amplitude da acção dos religiosos na contribuição para a cristianização dos timorenses associa-se a legitimação da própria Igreja Católica em Timor, fortemente ligada à pátria portuguesa, na linha do imaginário político colonial: “o nosso jornal deixar de integrar-se na linha tradicional da política do país, porquanto é servindo à Pátria e ao Governo desta Província de Timor [...]” (Seara, 1972, ano 7, nº 216:1). A presença nos finais dos anos 60 de um conjunto de contributos de autores leigos, futuros dirigentes políticos, assinala uma mudança que não terá escapado ao poder colonial.

Neste contexto, a descoberta da “tradição” em articulação com o ideário católico, e missionário, é relevante pois, ao mesmo tempo em que descobre e revela as práticas, procurando de alguma forma subvertê-las, concebe uma lógica de tradição cultural colectiva, por exemplo, na pesquisa das crenças e dos mitos timorenses que vai perdurar no tempo e no imaginário identitário colectivo como a “alma timorense”. Outra faceta desta descoberta é, sem dúvida, a instituição social do “Barlaque”. É entendido como uma espécie de matriz de um pacto social para estabelecer e fortalecer os laços familiares da mesma linhagem genealógica, ao mesmo tempo em que é símbolo de troca de presentes e de bens materiais que ligam duas linhagens numa futura relação duradoira. Quer num, quer noutro caso, a actualidade destes temas persiste e continua como uma fonte de estudo a ser desenvolvida e aprofundada.

Bibliografias

- BARROS, Jorge 1958. “*A alma Timorense*”. *Seara* – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, ano 10, nº1. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli.
- _____. 1963. “*O Lorsán*”. *Seara* – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, ano 15, nº2. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli.
- _____. 1964. “*Barlaque*”. *Seara* – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, ano 16, nº3e4. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli.
- _____. 1972. “*Lenda das Irmãs Cetáceas*”. *Seara* – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli, ano 7, nº227.
- _____. 1987. *Em terras de Timor*. Lisboa: Edição do autor.



- COSTA-GUSMÃO, Áureo José da. 1999. *SEARA – Halo Tinan Limanulu*. SEARA, Díli Timor-Leste.
- CUCHE, Denys. 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim do Século.
- DUNN, James. 1983. *Timor: a people betrayed*. Queensland: Jacaranda Press
- GUNN, Geoffrey. 1999. *Timor Lorosae 500 anos*. Lisboa: Livros do Oriente.
- GONÇALVES, José Júlio. 1968. *A informação nas províncias do Oriente: elementos para o seu estudo*. In: AAVV. *As províncias do Oriente*, vol 2. Lisboa: ISCSPU, p.227-363.
- JOLLIFE, Jill. 1978. *East Timor: nationalism and colonialism*. St. Lucia: University of Queensland Press.
- PAULINO, Vicente. 2009. *Identidade e Representação: uma abordagem da cultura timorense*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Lisboa: FCSH-UNL.
- PIRES, Paulo. 2001. “*A Imprensa em Timor antes do 25 de Abril*”. Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 14. Lisboa: Instituto Camões.
- PASCOAL, Ezequiel Enes. 1949. “*O culto dos lúlic*”. *Seara – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli*, ano 1, nº 1. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli.
- _____. 1950. “*O primeiro habitante de Timor*”. *Seara – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli*, ano 2, nº 1e2. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli.
- _____. 1954. “*Página Missiológica: alguns dos princípios obstáculos à acção missionária em Timor desde o seu início*”. *Seara – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli*, ano 6, nº 5. Díli: Oficina Gráfica da Diocese de Díli
- _____. 1967. *A alma de Timor vista na sua fantasia*. Braga: Barbosa & Xavier
- SANTOS, Eduardo dos. 1967. *Kanoik – Mitos e Lendas de Timor*. Lisboa: Serviço de Publicações da Mocidade Portuguesa.
- SEARA – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli de 1949 até 1973.